

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

AÇÕES CULTURAIS NA BIBLIOTECA E FORMAÇÃO DE MEDIADORES

Andrea Pereira Santos
Universidade Federal de Goiás

CULTURAL ACTIONS IN THE LIBRARY AND PROMOTING MEDIATORS

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Trata-se de um relato de experiência que tem como objetivo demonstrar possibilidades de atividades de ação cultural em bibliotecas universitárias. Parte-se de um referencial teórico acerca do conceito de cultura e de Ação cultural a partir de Arantes (1987); Cuche (2002); Laraia (2003); Santos (2006); White (2009); Freire (2015); Cunha (2010) e Coelho (1987), diferenciando o conceito de Ação Cultural de animação. Posteriormente apresenta uma revisão de literatura de trabalhos que tratam especificamente da temática Ação Cultural e Biblioteca. Depois, apresenta a experiência do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás na formação de mediadores culturais por meio da disciplina “Teoria da Ação Cultural” ministrada durante a graduação. Por fim, mostra exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas na biblioteca universitária as quais tem como intuito ativar, segundo Coelho (1987) as 3 esferas da vida: a imaginação, a ação e a reflexão. Conclui-se que as Ações culturais devem ser periódicas e não esporádicas, pois assim cria-se a cultura da participação e tornando os sujeitos ativos no processo de criação.

Palavras-Chave: Ação Cultural. Biblioteca Universitária. Cultura e Biblioteca.

Abstract: This is an experience report that aims to conduct an approach about the Cultural Actions in the university library. First we did a theoretical framework of the concept of culture and cultural action from Arantes (1987); Cuche (2002); Laraia (2003); Santos (2006); White (2009); Freire (2015); Cunha (2010) e Coelho (1987), differentiating the concept of Cultural Action and animation. Subsequently it presents a literature review of studies that specifically address the theme Cultural Action and Library. Then presents the experience of Librarianship Course from the Federal University of Goiás in the formation of cultural mediators through discipline "Theory of Cultural Action" during graduation. Finally, it shows examples of activities that can be developed in the university library which has the intention to activate, according to Coelho (1987) the three spheres of life: imagination, action and reflection. We conclude that cultural actions must be periodic and not sporadic, as well it creates the culture of participation and makes them active in the creation process.

Keywords: Cultural Action. University Library. Culture and Library.

1 INTRODUÇÃO

Para alguns estudantes de graduação, a biblioteca universitária não tem tanta importância, já que há uma gama de informações disponíveis na internet e os professores, pelo menos boa parte deles, deixam trechos de textos na copiadora do departamento “facilitando” assim a vida do discente. Alguns desses estudantes, segundo Santos (2014) quase não frequentam a biblioteca. Tanto por desconhecer os serviços, além-empréstimo e devolução, quanto por não acharem necessário utilizar o acervo para ampliação do seu repertório informacional.

Seções da biblioteca importantes como o serviço de referência, por exemplo, nem são citados como importantes e/ou como serviço conhecido e necessário. Nesse sentido, a biblioteca acaba por não ser utilizada de forma satisfatória.

Qual será o motivo de muitos não frequentarem a biblioteca ou pouco frequentar? A nosso ver, e pela experiência de pesquisa (SANTOS, 2014), percebemos que aqueles estudantes que não tiveram acesso e foram motivados a frequentar a biblioteca escolar, não sentem motivação para utilizar a biblioteca universitária. Eles não frequentam por desinteresse e sim por desconhecer as potencialidades que a biblioteca pode oferecer.

A solução para isso é à longo prazo. Criemos bibliotecas escolares, principalmente em respeito à Lei 12.244 de 2010 e, esperemos que, no futuro, esses estudantes passem a frequentar a biblioteca universitária. Até lá, as bibliotecas universitárias precisam agir, motivando os estudantes a utilizá-la, também, como espaço cultural. A biblioteca como espaço cultural contribui para a formação dos discentes e, também, abre caminho para o reconhecimento dos outros espaços.

Nesse sentido, objetiva-se discutir o conceito de ação cultural dentro do espaço da biblioteca universitária, entendendo que tal processo, além de motivar o uso do espaço integralmente, contribua para formação cultural dos futuros profissionais independentemente da área de conhecimento.

Para isso, esse artigo foi dividido em 3 partes: na primeira parte, discutimos o conceito de ação cultural a partir da fundamentação teórica com base nos autores Arantes (1987); Cuche (2002); Laraia (2003) Santos (2006), White (2009), Freire (2015), Cunha (2010) e Coelho (1987).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Em seguida fazemos uma revisão de literatura sobre ação cultural e biblioteca. Nessa fase, realizamos uma pesquisa exploratória, documental e bibliográfica a partir das bases de dados online: scielo, google acadêmico e biblioteca de dissertações e teses do IBICT.

Na segunda parte demonstramos a experiência do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás em relação à formação de mediadores por meio da disciplina oferecida na graduação “Teoria da Ação Cultural”.

Por fim, no terceiro momento, apresentamos algumas ideias de ação cultural que podem ser desenvolvidas pelas bibliotecas universitárias.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiências em que são abordadas as ações desenvolvidas para formação de mediadores de ações culturais no espaço da biblioteca bem como exemplificar ações que podem ser desenvolvidas dentro da biblioteca universitária. Tais exemplos de ações já foram realizadas em bibliotecas universitárias e se mostraram eficazes, principalmente, quando executadas com frequência.

A princípio apresentamos uma revisão conceitual a qual demonstrou os principais conceitos e fundamentação teórica envolvidos no processo de Ação cultural e cultura. Foram, também, levantados alguns trabalhos relacionando a ação cultural e a biblioteca de forma a demonstrar o andamento de estudos nessa área. Em seguida, apresenta-se o exemplo do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás – UFG, na formação de mediadores para Ação Cultural por meio da disciplina “Teoria da Ação Cultural” e, posteriormente, alguns exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas no espaço da biblioteca universitária, já que foi o *lócus* de coleta de experiência da autora desse artigo.

3 AÇÃO CULTURAL: CONCEPÇÕES CONCEITUAIS E TEÓRICAS

A cultura, conforme Arantes (1987); Cuche (2002); Laraia (2003) e Santos (2006) é um conceito amplo, construído historicamente e diz respeito às diversas manifestações de uma sociedade: modo de vida, festa, religião, culinária, vestimentas, comportamentos, saberes entre outros. Laraia (2003, p. 38) ao tratar do conceito antropológico de cultura afirma que “o

homem é um ser predominantemente cultural (...) pois todos os seus atos dependem inteiramente de um processo de aprendizado”.

Para White (2009, p. 29) “a função da cultura é atender às necessidades do homem para tornar a vida segura e duradoura”. Nesse sentido, a cultura é vista como um bem necessário à sobrevivência humana já que, a cultura se utiliza de ferramentas construídas sob uma técnica, mas que essa foi desenvolvida e apreendida a partir de processos culturais.

Esse aprendizado depende do contexto social no qual o indivíduo nasceu, bem como dos processos de identificação desse com outros sujeitos. A construção da identidade individual, nesse caso, é um processo cultural em que família, sociedade e meios de comunicação, tem sua parcela de participação. Sendo que a identidade é formada ao longo da vida e pode, conforme Hall (1997) sofrer descentramentos, o que é fato, já que vivemos em uma sociedade globalizada e midiaticizada.

Para Santos (2006), o estudo da cultura se torna importante, pois é uma forma de combater preconceitos e pensar em nossa própria realidade social. O combate ao preconceito se deve pelo fato de que o estudo da cultura nos leva a conhecer manifestações sociais diferentes da nossa. Da mesma forma nos faz refletir sobre nossos modos de vida, nossos pensamentos e nosso jeito de ser. Entretanto, para Cucho (2002, p. 143) “as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais”. Porém, vale esclarecer que, conforme aponta White (2009, p. 32) “a cultura não é homogênea. É tremendamente variada, e essas variações têm também uma dimensão temporal, pois uma mesma cultura muda com o tempo”.

Essas relações desiguais provêm, principalmente, ao desrespeito às práticas culturais de outros povos. Nesse sentido, o estudo da cultura promove o conhecimento da diversidade e do entendimento das mudanças culturais do passado e do presente (SANTOS, 2006). “A cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (SANTOS, 2006, p. 08).

Afirmações de outras épocas tentavam justificar culturas superiores afirmando que esses povos teriam cérebros superiores. Porém, segundo (WHITE, 2009, p. 39) não “existe evidência direta ou medida direta de qualquer habilidade inata do homem que justifique essa afirmação”.

O estudo aprofundado da cultura demonstra que não podemos imaginar a construção cultural proveniente de determinismos biológicos e/ou geográficos. Por exemplo: meninos e

meninas são diferentes pela criação que tiveram e não por conta dos seus hormônios. Do mesmo modo a geografia física do lugar não limita ou delimita ações dos indivíduos, já que o ser humano, por ser provido de inteligência e, apesar da sua fragilidade, conseguiu dominar a natureza (LARAIA, 2003).

Ter acesso a uma diversidade cultural proveniente de localidades, pessoas e povos, mostra que não somos donos da verdade e que o mundo é muito maior daquilo que enxergamos ao nosso lado. Além disso, segundo White (2009, p. 41) “nem sempre encontramos culturas semelhantes em ambientes semelhantes”. Dito dessa forma, compreendemos que mesmo a nossa volta, somos sujeitos de diferentes culturas.

Tylor (apud WHITE, 2009, p. 44), traz uma definição abrangente de cultura, dada em 1871 que, ao nosso ver, mesmo sendo um conceito do final do século XIX, resume bem o que temos descrito até aqui. “descreve cultura como sendo todo esse complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, direito, valores morais, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Entender o que é cultura é o primeiro passo para se conceber propostas de atividades que realmente façam jus tanto ao conceito de cultura quanto ao de ação cultural. Pois entende-se que a ação cultural vai além do processo educativo e não se contenta com limitações. Ela tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção simbólica de um grupo e estabelece que uma ação para ser cultural precisa envolver o público como agentes recebedores, participantes ativos do processo. Criando e recriando novas ações (COELHO, 1989).

Sendo assim, para Coelho (1989) existe uma diferença entre Ação Cultural e animação cultural. Já que a primeira promove uma transformação na vida do indivíduo ao torná-lo agente ativo no processo. Diferente da animação que são atividades esporádicas e prevê a participação do indivíduo passivamente.

O conceito de ação cultural surge apenas no século XX, “em decorrência de projetos sociopolíticos concebidos, por sua vez, na transição entre os séculos XVIII e XIX” (CUNHA, 2010, p. 30). Nesse sentido, há então uma preocupação em tornar possível o acesso a bens culturais a uma parcela menos favorecida economicamente da sociedade. Para Cunha (2010, p. 34) “a moderna ação cultural integra os pressupostos e as perspectivas políticas de um Estado de Bem-Estar social (*Welfare State, Wohlstand*) ou de uma democracia social”.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Entretanto o que presenciamos é uma inconsistência e uma esporadicidade das atividades ditas de acesso à cultura a camada mais pobre da sociedade. Há de se observar que muitos investimentos em ações culturais ainda estão muito presentes no eixo Rio-São Paulo (Sudeste do país), desfavorecendo as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Em seu surgimento no século XX, a ação cultural “assumia o encargo de uma *educação popular*, também relacionada ao ideal iluminista segundo o qual o povo deveria ser estimulado a romper com o torpor intelectual e apropriar-se das ferramentas do pensamento crítico” (CUNHA, 2010, p. 36).

Já no Brasil, a ação cultural nasce em meados da década de 1970, a partir da construção de centros de cultura, o que segundo Coelho (1989), intensifica a função dos centros enquanto facilitadores da ação cultural. Entretanto, são poucos os centros culturais que realmente façam parte do espaço de pertencimento das pessoas. Geralmente, essas instituições estão localizadas nos centros e ficam distantes das periferias.

A ação cultural promove, conforme Freire (2015, p. 107), a conscientização. Esta parte do princípio que “deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes no mundo e *com* o mundo”. É então por meio das ações culturais que os sujeitos se integram a esse mundo e compartilham seus saberes e suas percepções. Na biblioteca universitária, é possível que as atividades culturais por ela realizadas contribuam para a conscientização dos estudantes. Veja que a biblioteca possibilita o ir além do aspecto curricular imposto pelas grades dos cursos. Sendo então, um espaço de fruição e criação por parte do corpo discente da universidade. Corroborando com a afirmação de Coelho (1989): ação cultural vai além do processo educativo, não se contenta com limitações e tem sua fonte, seu campo e seus instrumentos na produção simbólica de um grupo. Não sendo um simples aproveitamento do tempo para o lazer e sim uma participação passiva e ativa nos processos culturais.

Desse modo, para Coelho (1989) a ação cultural espera ativar 3 esferas da vida: 1. A imaginação – a consciência reflete a si mesmas, inventa, abre possibilidades...; 2. A ação – viabilização da imaginação; 3. Reflexão – continuidade, exercício teórico, transformação. Ou seja, a ação cultural é um processo cíclico que pode ter início, porém não tem fim.

Assim sendo, a ação cultural pode promover nos sujeitos o domínio da existência (FREIRE, 2015). Esse domínio faz com que homens e mulheres sejam mais participativos na sociedade da qual fazem parte.

Entretanto, Freire (2015) chama a atenção para que certas ações não se caracterizem enquanto processos de domesticação. Para ele, deve-se favorecer a ação cultural para a libertação, já que essa se “caracteriza como diálogo, ‘somo selo’, do ato de conhecimento” (FREIRE, 2015, p. 133).

Enfim, Freire (2015) destaca que a ação cultural pretende diferenciar o ser humano enquanto transformador ativo do mundo e dos animais passivos ao processo; compreende que há níveis de subordinação entre classe dominada e dominante a qual deve ser combatida; e que a ação cultural deve ser construtora de sujeitos críticos e participantes independentemente da classe social.

A partir de uma pesquisa bibliográfica em bases de dados online, identificamos uma série de documentos com experiências de ação cultural em bibliotecas. Fizemos uma breve análise a qual é apresentada no próximo tópico.

3.1 AÇÕES CULTURAIS EM BIBLIOTECAS: REVISÃO

Ao realizar uma pesquisa sobre Ação Cultural na biblioteca, percebe-se uma diversidade de trabalhos os quais abordam a ação em bibliotecas públicas, escolares e universitárias. Dentre esses destacamos os estudos a seguir os quais não esgotam trabalhos nessa área, mas, durante uma pesquisa bibliográfica, mostraram-se como resultados de busca no Google acadêmico, Scielo e na biblioteca de dissertações e teses do IBICT. A busca foi realizada por artigos que no título apareciam as palavras chave “Ação Cultural Biblioteca”. Além disso, observou-se que boa parte deles foram citados em outros trabalhos. Apresentamos os estudos em ordem cronológica.

Esse levantamento bibliográfico, não tem a intensão de analisar se as experiências realizadas pelas diferentes bibliotecas são ou não consideradas ações culturais a luz do conceito dado por Coelho (1989) e sim verificar se há instituições preocupadas em realizar e divulgar suas experiências nessas áreas.

Já nas primeiras pesquisas, um dos artigos mais citados foi escrito por Flusser (1983), intitulado “biblioteca como instrumento de ação cultural”, o qual demonstra como a biblioteca pode contribuir para que tais ações sejam desenvolvidas de forma satisfatória.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Em Almeida (1987) no artigo “A ação cultural do bibliotecário: grandezas de um papel e limitações da prática” discute o papel do bibliotecário, entretanto reconhece algumas limitações de suas práticas para o fazer dessa ação.

Já Tsupal (1987) no trabalho “Leitura e atividades culturais na biblioteca pública” aborda como essas práticas podem ser empregadas nessa instituição.

Para Silva (1989) em “Biblioteca e ação cultural: apontamentos conceituais a partir da experiência na Universidade Federal de São Carlos”, fala da experiência da UFSC no estabelecimento de atividades culturais no espaço da biblioteca universitária.

Silva (1991) em “Ação Cultural e Biblioteca Pública: algumas questões”, fala sobre o bibliotecário enquanto agente cultural e seu preparo para o desempenho da função. Analisa alguns obstáculos inerentes ao exercício da ação cultural pela biblioteca pública. Apresenta considerações acerca da ação cultural enquanto trabalho dinâmico, seu alcance e resultados.

Em Marcantonio, Santos e Pires (1993) no projeto “Ação Cultural e Educacional da Biblioteca no Âmbito da Escola de 1º Grau” os autores tiveram como objetivo favorecer o contato dos alunos de 1º grau com o livro, através de um trabalho cooperativo e dinâmico entre professores das Escolas da Rede Municipal de Ensino de 1º Grau de Ribeirão Preto e os bibliotecários das Instituições de Ensino Superior (IES).

Silva (1994) em “Políticas de ação cultural na biblioteca pública: experiências dos anos 80” teve como objetivo discutir a biblioteca pública e a ação cultural na década de 1980, bem como a política cultural do governo militar.

O clássico Milanesi (1997) “A casa de invenção”, através do conceito de ação cultural, mostra como é possível essa prática no ambiente escolar.

Para Cabral (1999) no texto “Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário” discute sobre o papel do bibliotecário como agente do processo cultural na biblioteca.

Já Oliveira (2002) no artigo “Ação cultural em bibliotecas escolares da rede pública de Porto Alegre” aborda o papel do agente cultural no processo educacional. Além disso, diferencia o conceito de animação cultural e ação cultural.

Fonseca (2006) na dissertação “Biblioteca pública: da extensão à ação cultural como prática de cidadania” apresentou alguns registros de experiências extensionistas com características de ação cultural, utilizando-se uma metodologia baseada no diálogo, participação e conscientização. Relata-se uma experiência de extensão bibliotecária realizada em Araxá, MG

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Ribeiro e Cunha (2007) no artigo “Ação cultural e biblioteca pública, novos caminhos para a educação e o desenvolvimento humano” objetiva verificar em que medida a ação de Mediação da Informação efetuada pelo profissional bibliotecário de biblioteca universitária proporciona a valorização e transformação do espaço sociocultural da comunidade a qual atende ao promover tanto o consumo como também a produção de cultura.

Em Silva (2009) no artigo “O fazer bibliotecário na biblioteca escolar: Propostas de Ação Cultural” Apresenta um estudo feito nas bibliotecas escolares de três escolas municipais localizadas em Mangabeira, bairro periférico de João Pessoa - Paraíba, com o intuito de analisar as atividades desenvolvidas pelas mesmas, identificando os seguintes quesitos: políticas de ações culturais, condições dos acervos e da infraestrutura, funcionários responsáveis e a forma como as mediações desses recursos pedagógicos são feitas.

Martins (2009) no seu artigo “Ação cultural na prática bibliotecária para a formação e desenvolvimento da cidadania: o caso da Biblioteca Pública Municipal José Sarney” discute a importância de uma ação cultural e sua aplicação em bibliotecas públicas, com o enfoque voltado para a formação e o desenvolvimento da cidadania.

Rosa (2009) em “A prática de ação cultural em bibliotecas” aborda o processo de práticas culturais em bibliotecas em diferentes situações, e sua importância no desenvolvimento humano e da sociedade.

Oliveira (2010) em “Ação cultural na biblioteca universitária: a experiência da biblioteca central da UFPE” discorre das atividades desenvolvidas nessa instituição as quais corroboram com o conceito de ação cultural.

Gonçalves (2011) em sua dissertação “A Biblioteca Pública do Paraná como instrumento de ação cultural : atividades culturais e mediação da informação” realizou uma pesquisa descritiva fundamentada em um estudo de caso sobre ação cultural e mediação da informação em um espaço informacional público, focando nas interações que se estabelecem entre o usuário e as atividades culturais mediadas desenvolvidas na Biblioteca Pública do Paraná.

Moura (2011) no artigo “Exposições: prática de ação cultural na biblioteca central - Relato de experiência” apresenta a experiência da Biblioteca Central como um espaço para prática de ação cultural.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Silva (2012) em “Ações culturais na Biblioteca de São Paulo: um meio de inclusão, uma abordagem prática” fala da experiência da Biblioteca de São Paulo e as ações culturais desenvolvidas nessa instituição.

Almeida (2013) no artigo “Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito” propõe discutir o papel do mediador a partir de uma perspectiva política e cultural da atividade de mediação; retoma algumas das ideias de Gramsci acerca das noções de cultura e hegemonia e sua incorporação pela corrente dos estudos culturais ingleses. Apesar de o foco não ser exatamente o conceito de ação cultural, suas reflexões a respeito do mediador são necessárias para se pensar o papel desse agente no processo de Ação cultural.

Bazilio (2013) em “. A Biblioteca Pública como instrumento de ação cultural” discute se a ação cultural é prática constante na Biblioteca Pública de modo a tentar entender a Biblioteca Pública como instrumento de ação cultural.

Pizzorno (2013) no artigo “Ação cultural e responsabilidade social: um caso de sucesso da Biblioteca Universitária da UNISUL” faz um relato de experiência que divulga as atividades realizadas pelas bibliotecas da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) durante a Semana do Livro e da Biblioteca na UNISUL.

Já Costa, Almeida e Brito (2014) em “Ação cultural na biblioteca pública” relatam e analisam as atividades desenvolvidas no setor infantil da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Bazilio (2014) na dissertação “Mediação, Leitura e Inclusão social: um caminho para ação cultural na Biblioteca Pública- o caso das Bibliotecas Parques” pretende discutir qual é o verdadeiro papel que a Biblioteca Pública exerce na potencialização da cidadania. Para isso, analisa os pressupostos teóricos relativos: a ação cultural, leitura, mediação, política pública de cultura, inclusão social, Biblioteca Pública e Biblioteca Parque.

Por fim, Bazílio e Nóbrega (2014) no artigo “Mediação, leitura, inclusão social e ação cultural: o caso das Bibliotecas Parques” teve como objetivo verificar como a Biblioteca Pública pode auxiliar no processo de inclusão cultural, e consequentemente social, entre todos os sujeitos sem distinção, mostrando assim as potencialidades dessa instituição.

Não há, como se viu, uma grande variedade de trabalhos, principalmente, relatos de experiência sobre ação cultural em bibliotecas. Tal fato pode demonstrar que as instituições necessitam promover mais ações culturais na biblioteca. Ou então, essas instituições, apesar de realizar tais ações, deixam de divulgar seus trabalhos aos pares. Uma pesquisa futura pode

esclarecer como as escolas de biblioteconomia tem trabalhado essa temática em suas grades curriculares.

Essa pesquisa é um levantamento prévio de ações para, nesse primeiro momento, mostrar onde e que atividades culturais são desenvolvidas nas bibliotecas. Um outro estudo em andamento dessa mesma autora, pretende analisar as atividades desenvolvidas por cada uma dessas instituições e perceber se são ou não consideradas ações culturais dentro dos conceitos apresentados por Coelho (1989).

4 FORMAÇÃO DE AGENTES CULTURAIS

A formação de agentes culturais é ponto crucial para que as atividades a serem promovidas pela biblioteca sejam eficientes e realmente cumpram com a formação cultural dos estudantes universitários. Pensando nisso, a Universidade Federal de Goiás – UFG, no curso de biblioteconomia oferece a disciplina “Teoria da Ação cultural” a qual tem como proposta discutir: Sociedade e cultura no Brasil; Políticas de cultura no Brasil; O Sistema de produção cultural; O consumo cultural; Sociedade de massa, cultura e informação; Modalidades da produção cultural; Unidades de informação, comunicação e cultura; Biblioteca e política cultural; A Biblioteca no circuito cultural do Estado; Biblioteca, educação formal e educação informal; Centro de cultura; Biblioteca e ação cultural; Conservação à geração de bens culturais; A formação de um público; Modalidades de relacionamento com a comunidade (UNIVERSIDADE, 2014).

Essa disciplina é estruturada em 4 momentos:

1. No primeiro momento, discutem-se as pontuações e contextualizações históricas da formação cultural brasileira. Nessa discussão, leva-se em conta nossa referência indígena e negra e a interferência Europeia na transformação, manutenção cultural;
2. No segundo momento são discutidos o conceito de cultura e ação cultural. Demonstrando que as ações verdadeiramente culturais, conforme Coelho (1989) são atividades em que os indivíduos, foco dessas ações, não são meros passivos do processo e sim se tornam agentes ativos;
3. No terceiro momento, os discentes são estimulados a pesquisarem Leis, Projetos e Ações e analisá-los a luz do conceito de Ação cultural. Esse exercício suscita entre os discentes crítica e debates aos beneficiários das leis (em especial Rouanet) de

promoção e acesso à cultura e fazem com que eles percebam que nem tudo que é promovido por diferentes instituições e/ou projetos podem ser considerados como Ação Cultural. Passam a descobrir, propostas hilárias sendo patrocinadas por dinheiro público e que não beneficiam o cidadão comum;

4. No quarto momento, eles devem redigir uma proposta de ação cultural que contemple o conceito e que deve atingir, segundo Coelho (1989) três esferas da vida: 1. A imaginação em que a consciência reflete a si mesmas, inventa, abre possibilidades; 2. A ação a qual contribui para a viabilização da imaginação; 3. Reflexão a qual propõe a continuidade, exercício teórico e a transformação.

A partir desse exercício, a universidade concede ao estudante o instrumental suficiente para que ele, após sua formação, possa empregar e desenvolver projetos de Ação Cultural nas instituições que for trabalhar. Passam a entender que o fomento para promoção de tais iniciativas pode vir do poder público, mas também da iniciativa privada e bancos por meio de editais e incentivos fiscais.

Além disso, são formados enquanto críticos aos processos de desenvolvimento de ações nas diversas esferas sociais sabendo diferenciar a ação da fabricação. Estando, inclusive, prontos a denunciar atividades que não façam jus a financiamentos públicos. Alguns estudantes, no último ano do curso, desenvolvem projetos de ação cultural nos ambientes de estágio, colocando em prática o que aprenderam na teoria.

Ao refletir sobre a contribuição do aprendizado cultural dentro do contexto da biblioteca universitária, percebe-se que o desafio é grande. As ações devem ser diversas de forma a garantir a participação do público potencial. Existem muitas ideias como podemos perceber no próximo tópico.

5 PROPOSTAS DE AÇÕES CULTURAIS NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

A disciplina de “Teoria da Ação Cultural” empenha-se em dar todo o suporte conceitual e teórico acerca desse tema. Como exercício do componente curricular, trazemos experiências de atividades tanto da nossa instituição quanto de outras instituições parceiras (parcerias firmadas em estágios e projetos de extensão e até mesmo de experiências da docente enquanto bibliotecária de uma instituição de nível superior).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

As propostas estruturadas a seguir são viáveis do ponto de vista financeiro, pois os mediadores e materiais são acessíveis às instituições. Entretanto, há atividades que podem concorrer a bolsas e auxílio financeiro para a sua promoção. Para isso, deve-se ficar atento aos editais tanto dos órgãos de fomento quanto de empresas e bancos privados ou públicos.

Ressalta-se que tais atividades devem ser certificadas pela biblioteca promotora. E para isso, precisam ser registradas dentro dos órgãos competentes responsáveis pelo registro de atividades de extensão e cultura.

5.1 DESCOBRINDO O POETA DENTRO DE MIM

Trata-se de uma oficina que busca formar apreciadores de poesia e, ao mesmo tempo, motivar a criação literária. Na oficina são apresentados os gêneros literários, escolas e leitura de poesia. Depois desse entendimento, os participantes são motivados a redigir poesias e/ou outros textos com base nos conhecimentos adquiridos. As poesias são expostas e lidas por outros participantes em outras oficinas.

5.2 (RE) DESCOBRINDO A LITERATURA

Busca-se no acervo da biblioteca, obras literárias, esquecidas pelos estudantes, e forma-se uma estante expositiva com tais obras. Junto delas são mencionados, caso exista, filmes, novelas, séries e demais adaptações das obras. Os estudantes participantes são convidados a lerem as obras e a redigirem um final diferente ou a refletir sobre o texto lido dentro do contexto atual.

5.3 RODA DE LEITURA

Na roda de leitura, o estudante precisa escolher uma obra, seja da biblioteca da universidade ou outra de interesse pessoal e no encontro (Roda de Leitura) ele precisa ter concluído essa leitura. No início ele/ela conta sua história de leitor ou leitura, abordando como se deu sua formação e aproximação ao texto escrito, bem como nos atores importantes para essa prática. Depois ele apresenta a obra lida, fazendo uma breve apresentação do autor e a motivação para tal leitura. Em seguida apresenta o que leu e, se for uma obra literária, ele não

conta o final. Trata-se de uma estratégia que instiga a curiosidade dos outros leitores motivando-os a buscar por aquela leitura. Se não for obra literária o esforço deve ser em convencer o outro a ler tal obra.

5.4 EXPOSIÇÃO DE ARTES

A biblioteca pode abrir espaço para exposição de artes plásticas tanto de obras produzidas por discentes (amadores) quanto de artistas já consagrados. Nessa exposição a ideia é que se tenha um curador e um mediador para ministrar pequenas oficinas de artes plásticas. Além disso, demonstrar os instrumentos utilizados pelos artistas na produção das obras. Criações feitas pelos participantes podem, também, ser expostas. As obras de arte podem suscitar a criação e/ou exposição de obras que problematizem problemas sociais ou demonstrem a percepção cultural de diferentes povos. Nessa exposição podem ser feitas mostras fotográficas, desenhos, pinturas, esculturas dentre outros.

5.5 CINE DEBATE

No cine-debate a comunidade universitária pode fazer a escolha de filmes para exibição no auditório da biblioteca. Junto com a escolha dos filmes, podem ser eleitos os mediadores do debate. Em um primeiro momento o filme é apresentado e em seguida são feitos debates em que a participação da plateia é fundamental. Os filmes devem privilegiar temáticas que forneçam conhecimento à diversidade cultural e apresentar temas de efeito reflexivo à condição de minorias: negros, homossexuais, indígenas, mulheres entre outros. Além disso, mostrar realidade cultural de países diferentes dos nossos.

5.6 VÍDEO-DOCUMENTÁRIO: HISTÓRIA CULTURAL FAMILIAR

A proposta é que os participantes produzam vídeos-documentários sobre história cultural familiar. Dentro do conceito de história cultural, ou seja aquela história que não foi registrada e precisa ser resgatada (BURKE, 1992, 1997, 2008). Trata-se de um importante resgate a própria história de vida de modo que os participantes enxerguem que, apesar da grande história parecer tão distante, eles e suas famílias fazem parte dela. Os melhores vídeos

podem ser exibidos em festivais maiores e para sessões especiais na universidade. Deve-se motivar produções diversificadas, considerando que na universidade, graças as leis de inclusão, a cada ano, cada vez mais negros, indígenas e quilombolas entram na universidade. São culturas, infelizmente, pouco conhecidas e que precisam ser mostradas e integradas.

As ações apresentadas, como se percebe são baratas e fazem diferença na formação do discente universitário. Sendo que, para muitos, é a primeira vez que poderão ser inseridos no processo cultural, pois muitos não tiveram acesso aos aparelhos culturais, principalmente, a biblioteca escolar e pública.

Devemos lembrar que tais atividades não devem ser esporádicas e sim cíclicas e abranger as três esferas da vida conforme pontuado por Coelho (1989): a imaginação, a ação e a reflexão. Quando essas atividades acontecem periodicamente, cria-se uma cultura entre os discentes os quais sempre esperam novas edições. Os próprios discentes motivam outros e assim por diante.

CONCLUSÃO

Vimos que as ações culturais na biblioteca universitária dependem em um primeiro momento da formação dos mediadores e em segundo momento da ação propriamente dita dentro do espaço cultural dessa instituição.

As ações desenvolvidas e a serem desenvolvidas devem ser pensadas respeitando-se a formação cultural dos estudantes e prevendo atividades que visem divulgar novas culturas e o combate aos preconceitos. Para isso, na formação dos mediadores, conhecer os aspectos históricos e conceituais da cultura e da ação cultural é fundamental. Além disso, aprender sobre a diferença entre animação cultural e ação cultural. Devem, inclusive, saber avaliar propostas dentro de tais conceitos.

Como pontuado, muitos estudantes universitários não tiveram acesso à biblioteca escolar ou a biblioteca pública durante a educação básica. Chegam à universidade sem conhecer as possibilidades que, por exemplo, a biblioteca pode oferecer. Ao promover atividades de Ação Cultural de forma constante, a biblioteca não só contribui para a promoção dos outros serviços como contribui para a formação cultural do estudante universitário. Também o torna, não só passivo das ações, como motiva-o a ser ativo nas ações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio de. **Mediação cultural e da informação**: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/1113>> 2013. Acesso em abril de 2016.

ALMEIDA, M. C. B. A ação cultural do bibliotecário: grandezas de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 20, n. 1-4, p. 31-38, jan./dez. 1987.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 12. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BAZILIO, Ana Paula Matos. **Mediação, Leitura e Inclusão social**: um caminho para ação cultural na Biblioteca Pública- o caso das Bibliotecas Parques. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2014.

BAZILIO, Ana Paula Matos; NOBREGA, Nanci Gonçalves da. Mediação, leitura, inclusão social e ação cultural: o caso das bibliotecas parques. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais** Belo Horizonte: ECI, UFMG, 2014. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br>>. Acesso em abril de 2016.

BAZILIO, Ana Paula Matos; OLIVEIRA, Maria Jaciara de Azeredo; NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. A Biblioteca Pública como instrumento de ação cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013. **Anais** Florianópolis: FEBAB, 2016.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **A escola dos annales 1929 – 1989**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

_____. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CABRAL, Ana Maria R. Carro-biblioteca: possibilidades de ação cultural. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 1987, Porto Alegre. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. **Anais....** Porto Alegre: Biblioteca Central da UFRGS, 1987. v. 1. p. 553-559.

CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, p. 39-45, 1999.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSTA Amorim da, Aryanna; ALMEIDA, Larisse Macêdo da; BRITO, Luíza Nívea Castro. Ação cultural na biblioteca pública. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, 2014.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Newton. **Cultura e ação cultural**: uma contribuição a sua história e conceitos. São Paulo: SESC, 2010.

FLUSSER, V. A biblioteca como instrumento de ação cultural. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, 1983.

FONSECA, Maria Clara. **Biblioteca pública**: da extensão à ação cultural como prática de cidadania. Campinas (SP). 2005. 150p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP), 2005.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. 15. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GONÇALVES, Maria da Graça Simão. **A Biblioteca Pública do Paraná como instrumento de ação cultural**: atividades culturais e mediação da informação. Dissertação (Mestrado em Ciência Gestão da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MARCANTONIO, Antonia Terezinha; SANTOS, Martha Maria; PIRES, Margarete Barros Maia. **Ação Cultural e Educacional da Biblioteca no Âmbito da Escola de 1º Grau**. Brasília: INEP, 1993.

MARTINS, Carlos Wellington Soares. Ação cultural na prática bibliotecária para a formação e desenvolvimento da cidadania: o caso da Biblioteca Pública Municipal José Sarney. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23, 2009. **Anais** Florianópolis: FEBAB, 2009.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**: biblioteca centro de cultura. Atelie Editorial, 1997.

MOURA, Cláudia de Fátima et al. Exposições: prática de ação cultural na biblioteca central - Relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 24, 2011. **Anais...** Maceió, 2011.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

OLIVEIRA, D. C.; ZEN, A. M. D. Ação cultural em bibliotecas escolares da rede pública de Porto Alegre. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20, 2002, Fortaleza. **Anais ...** Fortaleza: FEBAB, 2002. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10234>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

OLIVEIRA, Luiza M. P. Ação cultural na biblioteca universitária: a experiência da biblioteca central da UFPE. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15, 2010, Rio de Janeiro. **Anais** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.sibi.ufrj.br/snbu2010/pdfs/orais/final_150.pdf>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

PIZZORNO, Ana Claudia Philippi et al. Ação cultural e responsabilidade social: um caso de sucesso da Biblioteca Universitária da UNISUL. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO-FEBAB. 25, 2013. **Anais....** Florianópolis: FEBAB, 2013.

RIBEIRO, Andréia S.; CUNHA, Vanda Angélica. Ação cultural e biblioteca pública, novos caminhos para a educação e o desenvolvimento humano. In: CINFORM ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 7, Salvador, 2007. **Anais...** Salvador, 2007.

ROSA, Anelise Jesus Silva. A prática de ação cultural em bibliotecas The practice of cultural action in libraries. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 14, n. 2, p. 372-381, 2009.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Ação Cultural e Biblioteca Pública: algumas questões. In: XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16, 1991, Salvador. **Anais** Salvador, (Brasil), 1991.

SILVA, Márcio de Assumpção Pereira et al. Biblioteca e ação cultural: apontamentos conceituais a partir da experiência na Universidade Federal de São Carlos. **Informação & Sociedade**, v. 9, n. 1, 1999.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Políticas de ação cultural na biblioteca pública: experiências dos anos 80. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2. CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 17. 1994. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: APMG / Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1994.

SILVA, Clemente Ricardo; MARQUES, Rogério Ferreira. O fazer bibliotecário na biblioteca escolar: Propostas de Ação Cultural. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE, 10, 2009. **Anais...** Goiânia, 2009.

SILVA, Luciana Marques da; MIGUEL, Cristiany Gomes. Ações culturais na Biblioteca de São Paulo: um meio de inclusão, uma abordagem prática. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 05, n. 05, p. 80-87, dez. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Curso de Biblioteconomia. **Projeto pedagógico do curso de biblioteconomia**. Goiânia: Ed. UFG, 2014. 35p.

TSUPAL, Rodolfo. Leitura e atividades culturais na biblioteca pública. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 15, n. 2, p. 149-165, 1987.

WHITE, Leslie. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.